

# O Gaiato



PORTE  
PAGO

Quinzenário \* 29 de Novembro de 1980 \* Ano XXXVII — N.º 958 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## ÁFRICA

16 de Novembro... É hoje o dia aniversário da chegada aos seus destinos dos grupos fundadores das Casas do Gaiato de Angola. Dezassete anos passaram.

O nosso coração repassa imagens indeléveis dum lapso de tempo tão breve em si mesmo quanto rico de acontecimentos.

Malanje era capim e quatro casinhas de terra batida. Benguela, uma casa com cinco dezenas de Rapazes mal instalados e, pior, quase abandonados a si-próprios.

Principiar do zero ou recuar um mau começo — qual a dificuldade maior? Nossa gente não se prendeu em considerações nem se intimidou;

deitou mãos à obra e, em poucos anos, eram duas fazendas pujantes e duas comunidades a crescer no povoamento de duas aldeias novas, qual delas a mais linda.

Crescer em número não é o que seduz. Importante foi construir família — e fora e sob as nossas telhas isso aconteceu. Como teria sido possível o que se fez sem esta solidariedade comprometida de um Povo que nos conheceu e nos amou? Os dois grupos fundadores levavam uma grande vontade de realizar e um famoso capital que daria para duas ou três semanas de sobrevivência! Pois foi a partir destes valores que, com os incontáveis que outros lhes juntaram,

se ergueu uma Obra que não é fácil apagar nem esquecer.

Como Deus é maravilhoso em Sua misericórdia! Como é verdade, hoje, (sempre!) a multiplicação dos páes quando o Senhor encontra nas criaturas à Sua imagem Fé do tamanho de um grão de mostarda!

Hoje, 16 de Novembro, nossas Casas já não são. Mas o Povo guarda-as no seu peito. A lenta agonia que precedeu o seu fim foi oportunidade de uma expressão de respeito e de carinho que também nossos padres não poderão esquecer. Por tudo, com que dor eles se preparam para o regresso! São os Rapazes que não podem trazer consigo. É um Povo que lhes quer e neles confia. É o reconhecimento humilde de que na verdade o serviram e, mais do que nunca, lhe era precioso o seu serviço!

O que a cegueira do orgulho intronete nos circuitos simples da natureza a impedir a circulação da vida, a provocar paralisia e decepamento!

Há dezassete anos, neste dia, dominava-nos uma inquietação temperada pela Esperan-



As nossas Casas de África já não são. Mas o Povo guarda-as no seu peito.

ça. O tempo confirmou a Esperança. Hoje é a amargura de laços cortados pelo impedimento de continuar.

Nós ainda não tínhamos dito aqui uma palavra expressa e formal sobre o fim da nossa presença em África (se é que pode falar-se em fim...). Tampouco a queremos desenvolver. É tarefa que pertence aos nossos padres e contamos que eles se desempenhem dela

quando, em breve, regressarem. Se materialmente se vão encontrar num mesmo fim, é bem diferente quanto ao modo como decorreu, a história da nossa cessação em Angola e Moçambique. Aqui dominou a inconsideração e a violência. Ali é um processo doloroso, sim, mas cheio de beleza, onde os traços de bondade inerentes

Continua na 4.ª página

## SETÚBAL

□ Numa destas manhãs de sol outonal, o Jorge Leandro entra-me pela serralharía dentro, onde eu observava o trabalho de dois rapazes e sai-se com esta, enquanto me estende a mão:

— Olhe que eu já acabei o meu curso.

— Mas, então, não era só para Janeiro?... indaguel eu, procurando conter e disfarçar sentimentos de jubilosa comunhão.

— Não. Fiz o último exame na sexta-feira e, ontem, soube que tinha passado.

Eu levanto as minhas mãos a Deus, em acção de graças, pela perseverança, paciência e coragem que sempre animou o Leandro.

Acabou o seu curso de Medicina. Vai fazer o estágio; e, dentro de pouco tempo, será médico!...

E não é fácil, hoje, a qualquer jovem, terminar com êxito um curso superior, muito menos a um gaiato. Este, para além de uma enorme exiguidade de meios e ajudas que os seus colegas normalmente usufruem, teve de se enfrentar com barreiras sociais, carências afectivas e dificuldades

económicas, dificilmente ultrapassáveis. Por isso nos alegramos profundamente, no vivo desejo de que jamais a categoria social a que se guindou ofusque a razão da sua grandeza humana que é: ser gaiato e médico.

Pai Américo, desiludido com um certo respeito humano de que se imbuí, noutros tempos, um gaiato doutor, disse que não queria mais doutores na Obra.

Arrastados por uma estúpida e corrente mentalidade mundana, de que o homem vale pelo ter e não pelo ser, alguns gaiatos, guindados, também, pelos próprios méritos a escalas sociais mais elevadas, envergonham-se da humildade e nobre condição da sua origem.

Terminava o Liceu quando o Jorge se enamorou, como era natural, de uma rapariga. Recordo, com amargura, uma carta que recebi do pai dela, indignado por um gaiato andar atrás de sua filha. Era a condição social que o afligia. Naturalmente, que se um médico cortejasse a sua menina, sentir-se-ia muito honrado!

Continua na 4.ª página

## AQUI LISBOA!

● Há já quase vinte anos à testa da Casa de Lisboa, temos feito das eleições dos Rapazes ocasião para doutrinar da importância dos actos eleitorais na vida da Comunidade, e não só, procurando imprimir-lhes a máxima seriedade. Sem braços no ar, sem pressões de qualquer tipo, em voto secreto, os membros com direito a voto têm sido chamados sucessivamente a escolher os seus chefes. Nunca nenhum jovem eleitor ouviu da nossa parte qualquer indicação de nome, ainda que só veladamente, no mais estrito respeito pela liberdade de voto, quer dizer, pela consciência de cada um.

Em crónica da quinzena passada deu o Jorge notícias sobre as nossas eleições. Permi-

ta-se-nos, porém, acrescentar algumas observações. A primeira diz respeito ao bom senso geral demonstrado pelo colégio eleitoral logo nos primeiros escrutínios, denunciando verdadeira maturidade; a segunda observação referirá a aceitação plena por parte de todos dos resultados alcançados, sem reservas ou oposições de qualquer tipo; a terceira consideração acentuará o espírito de serviço denunciado pelos chefes eleitos, sem penachos ou pretensões pelo facto de terem sido escolhidos, antes sentindo as responsabilidades e os espinhos que a missão de chefia comporta; finalmente, em quarto lugar, desejaríamos referir a disponibilidade dos chefes cessantes em ordem a uma ajuda eficaz

aos agora sufragados que lhes permita maior integração e consciência nas e das tarefas a que foram chamados.

Se educar é formar para a liberdade, como dizem alguns autores, nossos actos eleitorais são momentos fortes do processo eminentemente activo que comporta a pedagogia de Pai Américo. Saibamos nós, os adultos e os mais responsáveis, tirar as lições consequentes e assumir as nossas próprias responsabilidades.

● Um determinado programa de Televisão há-nos fornecido, de maneira que julgamos insensata e até profundamente pernicioso, à maneira de sensacionalismo, programas sobre

Continua na 4.ª página

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● É uma dor profunda ouvir permanentemente os gemidos e carências de Viúvas esperando o *excelentíssimo despacho* da requerida pensão de sobrevivência!

Será que a burocracia, para confirmação de dados, corre o País a pé, lentamente — como nos tempos remotos de D. Afonso Henriques — controlando ficheiros de Caixas e confirmando assentos no Registo Civil?!

Os jornais revelam um próximo aumento do valor mínimo das pensões de sobrevivência. Não é favor nenhum, mas um acto de justiça elementaríssima; ainda abaixo daquilo que uma Viúva pobre — com bocas pequeninas e devoradoras — tem necessidade para mercearia, renda de casa, remédios, etc., etc. O aumento do custo de vida, a inflação, atinge sempre esta classe de Pobres com redobrada força.

Para vergonha de muitos, durante a longa espera do *excelentíssimo despacho*, nós continuamos a suprir, a abrir a bolsa prodigamente — para que as crianças sintam menos, no estômago, a ausência do pai.

Ainda agora, por exemplo, sofremos na alma e no coração, mais uma vez!, a lamentosa angústia de uma Viúva jovem, com um rol de filhos, um dos quais com doença grave, que precisa de alimentação cuidada.

— *O meu senhor, eu não posso! Onde ir buscar dinheiro p'ra comprar bifes de vitela...!*

É uma Viúva jovem... A Família está na ordem do dia...

Se já lhe entregamos, há meses, discretamente, mais de quatro contos por mês — suprimindo a ineficácia do Seguro Social — que remédio temos nós do que abrir mais e mais a bolsa a fim de procurarmos salvar da morte mais um pequenino cidadão do País e doutra morte sua mãe!?

Fica sempre muita dita boa gente escandalizada por sermos os primeiros da Europa nos domínios da mortalidade infantil. Como não havemos de ser *campeões* se, com hipóteses de se poder minimizar (não resolver...!) carências de sempre, quem tem a faca e o queijo na mão preocupa-se mais com a *senhora dona burocracia* do que com a vida e saúde das populações?! Assim mesmo, sem tirar nem pôr. Ai de nós se viéssemos para aqui com punhos de renda!

Não denunciámos de ânimo leve, mas terrivelmente esmagados pelas queixas dos Pobres. Ademais, como órfão, penámos bem no corpo a ausência total de meios, em um tempo de Seguro Social inexistente, mal-las consequências do último conflito mundial.

O mal apontado requer solução urgente, muito urgente; e não reside em factores de natureza orçamental, pois está previsto outro pequeno aumento do valor da pensão de sobrevivência...

● Um Encontro sobre a Terceira Idade realizado em um Seminário do Porto, com a presença de idosos de Lisboa, Porto e outras loca-

lidades do País, concluiu por se procurar garantir a indiscutível independência e dignidade a que têm direito os idosos.

Outras conclusões:

É fundamental sensibilizar a administração e a opinião pública em geral para os complexos problemas da Terceira Idade — que respeitam a toda a comunidade; facultar aos indivíduos, com mais de 65 anos reduções de 50% no preço de vários artigos, como bengalas, óculos, etc.; o reconhecimento das instituições dedicadas à Terceira Idade como entidades de interesse público, devidamente apoiadas com meios técnicos e materiais.

Segundo um interveniente, estes Encontros «representam uma forma de chamar a atenção para a problemática da Terceira Idade e um projecto contra a concepção de Velho, contra a forma de encarar a Velhice».

● Nos domínios da Auto-construção procuramos, sempre, dar a mão na hora própria. Agora, ao deficiente que anda radiante.

— *Esta ajuda dá-me forças p'ra acabar a obra òs poucos. Não há nada melhor do q'a gente ter uma casa onde possa viver com decência... Graças a Deus!*

Depois da abordagem, sai do carrito, pega nas muletas com desembaraço e vai junto de clientes de lotaria — seu pão de cada dia.

Entretanto, apoiamos uma Viúva — dedicada recoveira dos Pobres e pobre também — com enormes dificuldades na remodelação da sua moradia.

Não vamos referir o longo calvário desta mulher generosa, sacrificadíssima..., cruz terrena que um dia gozará no Céu!

Foi servida, de imediato. E suspira d'alívio; que os anos voam, as doenças não poupam — e poderá ter um fim de vida um pouco mais confortável.

● Em freguesia tamanha, quase todos os dias o vicentino tem de botar a mão ou procurar resolver problemas aos quais os Pobres não conseguem dar solução.

— *Pode lá ser...! Trabalhei uma vida inteira, pedi a reforma e só me dão 4.410\$00!*

Trabalhador indiferenciado, ele foi durante muitos anos feliz ocupante de uma das primeiras casas do Património dos Pobres. Um dia, porém, a vida sorri um pouco mais e alojou-se noutra moradia. Justa promoção!

— *Eu sou analfabeto... Não sei com'estas cousas se fazem. Pedi a um vizinho p'ra me tratar dos papéis...*

Requeremos revisão do processo e mandámos os documentos indispensáveis.

Não é o primeiro caso, do mesmo teor, a que metemos ombros. Já oportunamente referimos como os Pobres, os analfabetos, são defraudados por omissão no preenchimento do requerimento de pensão! Quando, por mor da Justiça, o departamento competente deveria estar preparado para suprir, imediatamente, naturais carências do País que somos.

No último caso que nos passou pelas mãos, em circunstâncias muito idênticas, o Pobre beneficiou de substancial aumento na mensalidade,

maiores justos retroactivos. E se não contestasse? Seria comido injustamente. Ainda não há escrúpulo com o sangue dos Pobres!

PARTILHA — Presença muito certa da assinante 19177, do Porto — com várias intenções. Um vale de correio, procedente de Inglaterra, «para a consoada de Natal dos Pobres da Conferência». A Caridade é universal!

Visitante de Matosinhos deixa 1.000\$00 para os Pobres, de visita à Casa do Gaiato. Mais um vale de correio, agora da Régua: 750\$00. E mais outro, de Mafra, do qual 100\$00 são «para a Conferência». «Gostava de mandar mais» — sublinha esta amiga dos Pobres — «mas não posso». 1.000\$00 de «uma lisboeta»:

«Com um abraço fraterno, venho cumprir a minha promessa de aparecer (por escrito) sempre que possa, contribuindo um pouquinho para a resolução dos muitos problemas da Conferência.»

Além dos encargos correntes — dos quais não vamos agora fazer contas — vem aí o Natal. A primeira adesão é das terras da rainha Vitória!

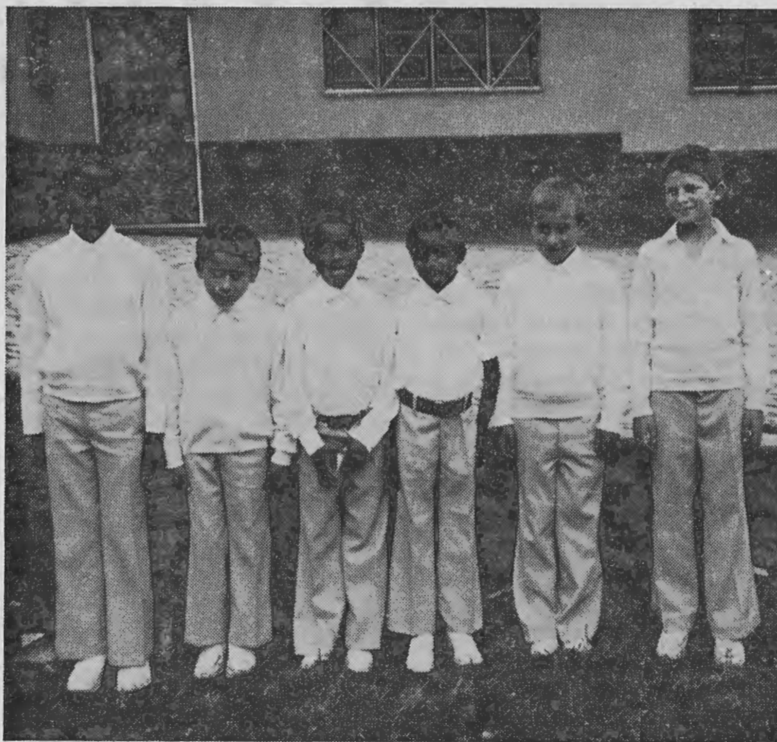
Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## MIRANDA DO CORVO

ORATÓRIO — Como quis Pai Américo, em todas as Casas do Gaiato a Capela é o centro. Mas, nesta Casa, a Capela fica um nadinha fora de portas para estar também aberta às pessoas da povoação que nos rodeia. Além de ficar fora da nossa porta, a nossa Capela, apesar de muito bonita, é um pouco fria no Inverno e bastante desagasalhada.

Assim alguns dos nossos rapazes mais velhos, com o nosso Padre Horácio, aproveitaram parte da sala de visitas e fizeram um pequeno oratório. Um grande cortinado faz a divisão; ao centro está uma mesa e um crucifixo na parede e num dos cantos foi colocado um tronco de



Os seis que foram baptizados em Miranda do Corvo

sobreiro onde foi aberta uma caixa que ficou a servir de sacrário. Uma lamparina acesa dá sinal da presença real de Jesus Cristo naquele pequenino sacrário. O trabalho durou um dia e no fim todos nos reunimos ali e rezámos. Gostámos muito.

Esta sala já serviu para muitas coisas: foi camarata, foi Escola, foi sala de jogos, foi a primeira sala de televisão, foi Telescola, passou a ser sala de visitas e agora é também oratório.

Queira Deus que este oratório tenha muitos amigos e que Jesus Cristo Se sinta lá bem.

OBRAS — A parte superior da nossa casa nova anda em obras. Esta parte é constituída pela sala de música, cinco quartos e o sótão para arrumação de mobílias e coisas velhas e parte para fruteiro.

Como a sala de música já era pequena e o acesso ao sótão era improvisado, agora ampliou-se a primeira e fez-se uma escada directa e mais acessível.

Andamos a limpar a torre da Capela e a caiar algumas paredes mais velhas. Alguns dos nossos dormitórios também precisam muito de paredes com cara lavada. Nós gostamos todos muito de casas lindas e limpas.

Carlitos

## A ESCOLA E A VIDA

■ Se não houvesse Escola não poderíamos ser alguém na vida.

Também não poderíamos arranjar emprego, nem nos saberíamos conduzir.

Eu gosto de andar na Escola. É uma coisa muito útil para a nossa vida.

Realmente, é triste uma pessoa ir na rua e pedir a outra para dizer como se chama essa rua!

Mesmo assim, há pessoas que não ligam nada à Escola!

José Fernando de Matos

■ Se não frequentasse a Escola eu não saberia ler, não conseguiria um bom emprego e não seria nada na vida.

Gosto da minha Escola porque a minha professora não é muito má.

Na Escola ensinam-nos muitas coisas. Há trabalhos difíceis, mas temos que aprender.

Se eu não andasse na Escola não sabia nada, não era nada na vida e não arranjava nada.

Eu gosto muito da Escola!

Carlos Miguel

■ Eu não poderia ser ninguém se não frequentasse a Escola. Se eu nunca fosse à Escola..., não conseguiria, um dia, ter uma profissão; e se arranjasse uma namorada não poderia escrever uma carta.

Na Escola aprende-se bem e assim já posso ter um futuro bom, que outros não têm. Se não fosse a Escola não seria ninguém na vida. Gosto de fazer todos os trabalhos escolares. A professora é boa para nós, mas também às vezes faz-nos arrear!!

José Alberto Pinheiro

■ Se não frequentasse a Escola, quando fosse grande não saberia contar, nem escrever cartas, nem me poderia conduzir, nem saberia fazer contas.

Amo a Escola porque aprendo a escrever, a contar, a fazer contas, a desenhar e, quando for grande, poderei assim ter uma profissão e ganhar dinheiro para me sustentar.

Gosto de todos os trabalhos escolares porque é por eles que eu, mais tarde, serei um homem culto.

Bento dos Santos

## Paço de Sousa

LAVOURA — Este ano, o vinho foi pouco — já o dissemos. Na altura da vindima, alguns dias apresentaram-se chuvosos. Foi-se muito vinho! Mas a aguardente, ao que parece, este ano, é bastante satisfatória, tanto pela qualidade como pela quantidade.

OUTONO — Já estamos na estação mais feia/bonita do ano. Mas há quem goste muito desta estação, apesar de despir as árvores, tirando-lhes a verdura que as torna mais belas.

Aqui, em nossa Casa, os rapazes da lenha têm que varrer a Aldeia vários dias da semana. São as folhas caídas e as que vão caindo, dia após dia, até as árvores ficarem completamente despidas. O chão, coberto delas, de várias cores, chama a atenção dos rapazes. É preciso limpar. São grandes montes que, para os apanhar, é preciso o carro de bois. E lá andam. Uns mais alegres, outros menos.

Quando todas as árvores estão cobertas de folhagem verde, dão um ar mais alegre à nossa Aldeia. Quando chega o Outono... são as folhas no chão!



# Do que nós necessitamos

Encomendas e 300\$ de uma Escola de Gaia, trazidas por professora amiga da Maria Angélica. 3.500\$ por alma de Maria do Céu Pontes. 150\$ de Odivelas. 5 contos da R. João de Deus, em Lisboa. 100\$ de Famalicão. 1.020\$ por alma de Eduardo Lagoa da Fonseca. Mais 1.000\$ de Lisboa. 500\$ de Gouveia. 1.000\$ de M. C. G. A. Assinante 27958, com 300\$ duma sua prima. 1.000\$ de Coimbrões. De J. R. R. 1.000\$. De Lamego, 100\$ da Praça do Comércio. 500\$ de Vila Flor. 250\$ de Lisboa. Comemorando 60 anos, assinante envia-nos 1.000\$, lembrando-nos nessa data. O Senhor permita muitos mais. 1.000\$ de anónimo de Lisboa. De um grupo de parauquianos de Vera Cruz — Aveiro, 3.305\$. Cheque de 1.500\$ de José Teixeira, assinante vivendo em Sartrouville — França que, entre senhoras amigas conseguiu donativos de 50 e 35 francos.

De uma viúva de Aveiro,

1.000\$. Da Amadora, 200\$. Selos de Florinda. 2.000\$ em memória de João Baptista Gomes. 1.000\$ de Lisboa. De parauquianos de Coimbrões, 4.790\$. Duma leitora de Lisboa, 500\$. Avó de Coimbra com 100\$, agradecendo graça concedida a uma neta. Cheque de 1.000\$ de Castelejo. E 300\$ de Ponte de Sor. Dum jovem, 1.000\$ do seu primeiro ordenado. 500\$ de Braga. E outros 500\$ de S. João da Madeira. 250\$ de Gaia. Mais 1.000\$ da Praça da Liberdade, Porto. 500\$ da Gafanha da Nazaré. Anónimo com 3.000\$, em sufrágio da alma de Domingos Basílio. E 1.250\$ da R. da Escola do Exército. Do Palácio da Justiça do Porto, 1.100\$. Pelas mãos amigas dum Beneditino, 4.000\$ vindos da América. 500\$ de Maria do Carmo. E a presença já conhecida de «a promessa que a minha gratidão não esquece».

Assinante 19109, com 500\$. Por alma de Alberto Marques, 1.000\$. De um grupo (já habi-

tual) de empregados da Cerâmica de Valadares, 2.900\$. E 2.000\$ agradecendo uma graça E 9.500\$ de vários donativos. E cá está a presença muito carinhosa dos amigos da Pastelaria, com 2.000\$ e vestuário. 500\$ de algures. 100\$ do Porto. E mais 2.000\$ da Anadia, de quem viveu em Moçambique, mais propriamente em Lourenço Marques e encontrou, na então nossa Casa do Gaiato, os portões sempre abertos.

De duas filhas da saudosa assinante 10737 e de horas extras, 1.500\$. Ass. 5629 com 2.500\$, sufragando a alma de Francisco Borges e Luisa Bor-

ges. 1.000\$ e roupas, de «Uma mãe». De Lisboa, 1.000\$ pelo êxito no exame do 7.º ano. Por alma de Joaquim Andrade e esposa, 100\$. Amigos de Leomil com 5.000\$. Por alma de Albertina e Joaquim Amaran-te, 150\$. Gémeos de Gaia com 200\$. Duma Avó agradecida pelas melhoras dos seus queridos netos, 100\$. Mais 500\$ de Castanheira de Pera. E 2.540\$ em sufrágio de Maria Cândida. Em acção de graças ao Santo Padre Cruz, 500\$ da assinante 32499. De J. B. sufragando a alma de Júlia Martins Braga, 150\$. A costumada e amiga visita dos Barristas do Palácio e suas ofertas.

Assinante 26131 com 5.000\$, ao comemorar as «Bodas de Prata». E 2.000\$ do Porto. De uma graça recebida, 5.000\$ da

Póvoa de Varzim. 500\$ do Porto. Das Funcionárias da Escola Preparatória da Régua, vale de 650\$. Dos Carvalhos, 1.000\$. Pedindo orações pelo assinante 25597, cinco contos. E duma amiga que vive em França, 1.000\$. Duma Júlia de Famalicão, 5.250\$ e muito amor. 525\$ em louvor de Santo António. 500\$ da Amadora. Anónimo de Lisboa com 1.000\$, a pedido de alguém. E por conta do pagamento duma promessa, cheque de 1.500\$ de Lisboa. Do Centro Paroquial de Castro Daire e dum elemento do seu grupo coral, que há tempos nos visitou, 13.500\$ — primeiro ordenado oferecido com muito amor.

Manuel Pinto

## TRIBUNA DE COIMBRA

Era o fim da tarde daquele dia, naquela cidade. Caminhava pela avenida principal e, ao cruzar uma rua, fiquei impressionado com o amontoado de jovens. Rua antiga, estreita e escura. Casas antigas, envelhecidas e escuras.

Pela concentração dos jovens observei que era casa de jogo o centro de tudo aquilo. A custo olhei para dentro e vi máquinas e muito mais pessoas. Uns jogavam, outros viam, outros esperavam vez. Não havia lugar para mais ar, nem para mais nada.

Na rua era o amontoado de jovens. Dificilmente se podia passar. Uns sentados nas soleiras das casas vizinhas, ao colo uns dos outros. Não se distinguia se eram rapazes ou raparigas. Conversinhas amenas e palavrinhas aos ouvidos; risinhos estridentes e cigarros a passar de boca em boca; pastilhas a circular de mão em mão e muitas festinhas uns aos outros. Negócios de espera e gozo do tempo.

Era dia de semana. Era dia de aulas. Era dia e hora de trabalho. Continuei a minha caminhada triste, chocado com a vida desta juventude. Pelo caminho fui pensando nos efeitos tremendos da droga, das pastilhas, do jogo, da substituição da vida. Enquanto ia assim pensando vi tantos trabalhadores ao balcão, vi tantos operários nas oficinas, vi tantos empregados no seu posto de trabalho nos escritórios; cruzei-me com tantas pessoas afadigadas naquelas ruas, vi também tantos em descanso nas janelas!

Ao chegar a Casa encontrei nossos estudantes nas duas salas de estudo com seus deveres escolares e os outros nas oficinas, agarrados a máquinas e seus instrumentos de trabalho. Sentei-me numa cadeira a descansar os pés moidos e fui continuando a pensar.

Pensei numa juventude que nós consideramos quase toda perdida. Sem ideal, sem responsabilidade, sem amor à vida. Juventude à deriva do seu tempo.

Pensei nos pais de família que lutam dia e noite para que aos filhos nada falte, para que um dia os filhos tenham a vida desafogada que os pais não tiveram e ainda não têm, e só.

Pensei nos pais instalados na vida, a viver sem trabalhar e os filhos a beber esta vida parasitária dos pais.

Pensei nos pais que não estão para se ralar com os filhos e lhes entregam carros, chave da casa, dinheiro para a mão e outras coisas mais, para que os filhos os não incomodem. Estou ainda a ouvir aqueles dois grupos de jovens que apresentaram a muitas centenas de pessoas reunidas, este novo modo de fome no mundo do nosso tempo: a liberdade des-

controlada que os pais dão aos filhos.

Pensei nos filhos que só vivem — e julgam que triunfam — à custa das posições apadrinhadas dos pais e hão-de ser sempre na vida uns encostados à sua imbecilidade.

Pensei nos pais que se trocam na sua vida de casal, sem respeito pela dignidade do dom da sua paternidade.

Pensei na nossa juventude — e seus pais — que, na sua maioria, não está preocupada em caminhar por caminhos de felicidade futura.

E esta visão e esta meditação tiraram-me o repouso naquela noite.

Padre Horácio

## O terceiro volume do livro «DOCTRINA»

Alguns (poucos) assinantes da nossa Editorial, distraídos e surpreendidos com a recepção do DOCTRINA — de Pai Américo — tomam a liberdade de devolver o livro!

Uns supõem tê-lo «já há muito tempo»; outros alegam ser a «terceira edição», quando é uma brochura inédita: o terceiro volume do livro DOCTRINA, assinado em título.

No entanto, do meio da proclamação, embandeirada em arco, escolhemos uma carta muito cheia, onde recebemos alento para motivar outros acerca de todas as obras da nossa Editorial. Aqui está:

«Se confiarem em mim, agradeço que me mandem 20 livros DOCTRINA para ofertas de Natal.

Se for possível dizer por quanto fica cada volume, agradeço. É que tenho horror em prejudicar seja quem for. Tendo por base um x, eu saberei até onde posso ir.

Vou festejar o Natal espalhando esta admirável obra entre a família e os amigos. Juntem um exemplar do 1.º e 2.º volumes e mais outro dos restantes títulos da vossa Editorial, pois só conheço o CALVÁRIO.

Com a Graça de Deus vou procurando ser verónica e cireneia destas almas crucificadas e do pessoal que, apesar de tudo, sempre vai colhendo algo. Procuramos ser cristãos no trabalho para que a paz seja vivida e merecida por vivência de amor.

Continua na 4.ª página

VISITANTES — Ora, como na cidade de Penafiel houve o S. Martinho, muitas pessoas visitaram a nossa Aldeia. Gente de muitas terras do Norte. Era excursão seguida de excursão. Não chegaram a ver as nossas oficinas pela parte interior. Muitos já deviam conhecer a nossa Casa. Outros, com certeza, viram-na pela primeira vez, mas acho que gostaram muito.

Então que tal?! Venham sempre, pois são sempre bem recebidos.

OBRAS — As obras na casa 3 estão em andamento. O 1.º andar já está a ficar pronto. Deu-me vontade de ir ver as obras enquanto escrevia. Fui. E reconheço que vai ser muito mais confortável. No 1.º andar, o sótão está quase pronto. Ficará igual ou melhor que o da casa 4. Pelo menos, pelo que vejo... assim é. Ali todos trabalham para isso: trolhas e carpinteiros. Vamos ver!

ANGOLA — Não vou propriamente falar-vos deste País, mas sim de uma visita muito nossa. É o Tónio. Foi nosso, aqui em Paço de Sousa. Estudou no nosso Lar no Porto. A dada altura seguiu para Angola, seu País de origem. É Director da Empresa Açucareira Norte, em Luan-da, que emprega cerca de 3.000 trabalhadores. Em viagem, para maior expansão da fábrica, à Inglaterra e América do Norte, não quis perder a oportunidade de nos visitar. São as saudades. Saudades desta Casa, onde foi criado e se fez homem para a vida.

Quando chegou, visitou as nossas oficinas, passeou para matar saudades.

Vem mais vezes, se pudeses. A comunidade deseja-te felicidades e boa sorte.

BICICLETA — No passado domingo, dia 17, ofereceram uma pequena bicicleta para os mais pequeninos. Todos contentes, quando toca às 18 horas e no recreio do meio-dia, eles lá vão para o pedal. Os «Bata-tinhas» são pequenos mas, pela mão do chefe, lá andam em cima dela,

muito contentes. Será que dali irão nascer bons ciclistas? A ver vamos!

«Salsichas»

### Lar de Coimbra

— Olé Guido!...

— Que é?...

— Vai escrever para O GAIATO.

— Pronto. Deixo o campo e a bola e vou escrever.

Mais um ano lectivo começou. Com olhos curiosos em saber o que há de novo, com esperanças no que se vai aprender! Quais os amigos!

Todos fizemos as saquinhas, vestimos as roupinhas mais domingueiras e aconhegámo-nos no Lar de Coimbra.

Chegados ao Lar, os novos estudantes abriram a boca, os olhos, mostraram os dentes, sorriram. Seis pequenos conseguiram passar a primeira barreira e... hão-de conseguir passar outras que ainda não sabem.

Joaquim Augusto e o irmão Carlos Armando, de Condeixa; Zé Luís que deixou o irmão, o Ruizito, na nossa Primária; o Zé Carlos que já tem sido de várias terras; o Miguel da Lousã e o Pedro que veio encontrar-se com o irmão. No 2.º ano caminham o Gilberto e o «Andorinha». O Paulo, que se tinha perdido, encontrou-se com o Toninho, João Paulo e Manel. Depois segue o Adelino, sózinho, a passo leve. A seguir sigo eu e o Carlitos e encontramos o Chiquito Zé distraído a apanhar amoras e a brincar ao jogo «vai ou não vai». O João Manuel, mais alto, limitou-se ao estudo do alfabeto, pois tem de repetir duas cadeiras do último ano. O Virgílio, nosso cozinheiro, é o nosso benfeitor e brinca com a vida toda. O Lita, agora já oficial da tropa e a acabar as suas Engenharias, só aparece raras vezes e muito carregado de livros e trabalhos. A Senhora, cansada de 33 anos neste trabalho, procura que todo este grupo não se perca e aproveite o bem que tem.

Guido

# Partilhando

Hoje agarrei o Augusto — o benjamim da casa — e fomos os dois fazer recados, aqui perto. Fomos a casa daquela mãe preta, já aqui falada por causa da ajuda à construção da sua casinha. A família, aumentada agora com uma menina mulatinha, vai crescendo com harmonia, ao que me pareceu. A casa ainda é muito desconfortável e fria. Do tecto negro do fumo caíam alguns pingos de chuva. Caíam ainda... ainda que menos...

Fomos lá agora, por causa da cunhada que, expulsada de casa pelo marido, nos tinha vindo pedir qualquer ajuda,

como sendo uma refugiada... Refugiada com um filho, em casa daquela família pobre. Expulsa da sua casa a que não tem menos direito do que o seu marido, que o álcool, como um ladrão, rouba e destrói a saúde e a felicidade desta e de tantas famílias.

Não a encontramos aqui. Voltara para sua casa. Até quando?... Mulher e mãe ao sabor das «marés» do seu marido!

Eu levava, no bolso, uma «migalha» de pão, para ajudar às despesas desta família, já de si numerosa e ainda sobrecarregada agora com aquela

mãe e mais aquele filho. Durou um mês e tal aquela situação. Deixei o que levava e voltei mais enriquecido. Trouxe a promessa de que aquela porta estaria sempre aberta para receber aquela mãe, insegura com o filho. Que aquela casa pequenina, fria e pobre, acolhia debaixo daquele tecto com pingos, corações humanos grandes e ricos de sentimentos. Apetecia até dizer: «Oh félix culpa!» Se o latim for este, é meia palavra para bom entendedor. Quer dizer: para tanto bem, bem feito, o mal até parece sair abençoado.

«Se ela voltar a ser expulsada de casa, eu recebo-a sempre» — dizia aquela mãe preta. E o marido, homem branco e educado, confirmava também esta posição de solidariedade humana e cristã. Ela, muito espontânea, expõe os assuntos com muitos gestos e emoção! O marido, mais calmo e adulto, comenta serenamente. Os filhos — cinco mulatinhos bonitos — são a razão daquela união equilibrada, para além do amor. E ali há família, porque há amor. Materialmente pobres, bastante pobres, sim.

A outra família era mais rica de valores materiais. O ordenado do marido, um cordão de ouro da mulher e uns porquinhos vendidos a qualquer preço, em poucos dias, tudo se sumiu no álcool e na prostituição...

Na família ou nas relações dos homens, assentar a vida só nos bens materiais é como fazer uma casa em cima da areia. Construção insegura e perigosa!

Os casos desta ruína já são muitos. E aumentarão ainda mais se o egoísmo humano não for reduzido.

Padre Moura

por aquilo que a expressão etimologicamente representa e deve ser. E, perdão, Senhor, por aqueles actos, palavras ou gestos que, porventura, para nossa deshonra e infelicidade, não conduzam aquilo que nós, os padres, devemos pregar e ser!

● A offset está a ser colocada no seu lugar, bem como os acessórios para a montagem das respectivas chapas. A câmara escura está quase pronta. Damos a notícia para alegria de todos aqueles que conosco comungam dos problemas da Obra, mesmo que não associados pelo lado material, que nem sempre é possível. Nos nossos projectos e realizações, se justos e rectos, há sempre algo de sobrenatural que os confirma e torna possíveis. Ao contrário, só fracasso. De resto, na nossa perspectiva, entendemos que Deus pouco nos pede, afinal, em contraste com o muito que nos dá. Saibamos ser fiéis.

Padre Luiz

# SETÚBAL

Cont. da 1.ª página

O Jorge veio para nossa Casa pequenino. Fez a Escola Primária. Foi das limpezas, do refeitório, da vacaria. Começou a estudar à noite, na Escola Industrial. Aprendeu tipografia. Em determinada altura, veio pedir-me para estudar de dia. Disse-lhe várias vezes que não, para o experimentar. Ele venceu-me e venceu. Fez vários anos, num só. Na tropa, como oficial, economizou uns tostões para o seu curso e fez toda a Universidade à sua conta!

A finalidade desta Obra é «fazer de cada rapaz um homem». Não ficamos eternamente extasiados pelo facto de um dos nossos atingir determinada craveira no campo cultural ou social. A nossa alegria renova-se sempre e, isso sim, se ele, para além da sua profissão, cultura ou classe, for... um Homem.

■ Quando me dirigia para Fátima fazer um retiro, na nossa «Peugeot», passados uns escassos quilómetros da cidade, de escalabítana, um veículo da Câmara de Santarém parte a direcção e vem embater contra nós. O nosso carro ficou mui-

to danificado; mas nós nada sofremos, para além do susto!

Perante as minuciosas atenções de que nos rodearam quase nos apeteceu dizer: — Ó feliz desastre!...

Verdadeiramente, tive a sensação de estar em terras de Portugal. Tudo prontidão, dinamismo e cuidado com as próprias obrigações. Não me parecia lidar com pessoas vinculadas a certos serviços públicos, que nos habituámos a ver desinteressadas e somente interesseiras!

Acostumado, como estou, a encontrar grupos anónimos aos seis, aos oito e aos dez homens, sentados, de pé, sem nada fazerem ou a realizar numa semana o que se faria num dia, confrange-me a habitação da preguiça e da irresponsabilidade. Antigamente, desculpavam-se de que ganhavam pouco e, por isso, «a trabalhadora era igual à pagueta»; mas hoje, que comparados com outros trabalhadores não têm razão de queixa, porque se há-de viver nesta modorra incurável e injusta?

Na Câmara de Santarém pareceu-me que tudo era de todos e cada um sentia o serviço como seu!

Padre Acllio

## AQUI, LISBOA!

Cont. da 1.ª página

o chamado «piratinha do ar». Queira Deus que tal facto não vá motivar outros, jovens ou não, a fazerem das suas, para também terem acesso aos éctans e não vá suceder, até, que nos surjam programas equivalentes com jovens assaltantes de bancos ou autores

de outros crimes, independentemente da imputabilidade que lhes possa ser assacada. Mais não dizemos mas aqui fica o reparo.

● Há, no momento, vários Rapazes da Casa na vida militar. Normalmente passam os fins de semana livres cá, salvo quando se encontram em estabelecimentos militares longínquos. Discretamente, como convém, procuramos acompanhar esta fase das suas vidas, proporcionando-lhes os apoios humanos e materiais indispensáveis. Os Rapazes não deixam de ser nossos e, mesmo quando a caminho da autonomia plena, tudo o que lhes diz respeito, para bem ou para mal, também nos afecta e compromete.

Outro dia um dos nossos tropas encontrou um fio de ouro no quartel onde se encontra. Logo o foi entregar. Não se elogia o procedimento, que o cumprimento do dever é isso mesmo e mais nada, tendo por único prémio a serenidade de consciência no íntimo de cada um. Contamos, não obstante o facto, porque houve um oficial, sabedor do evento, que mandou avançar em plena instrução o nosso Mancebo, tecendo a propósito algumas considerações. Atrás, em plena formatura, logo alguém se lembrou de dizer: — «Palerma! Bem se vê que é dos padres!»

Supomos ter respeitado a essência do sucedido, já que de tal tomámos nota por outros que não o interveniente directo. Pois bem, caros Amigos, ao comungarmos convosco do que acabamos de expor, não queremos deixar de assinalar quanto nos confortam as palavras entre aspas. Se os nossos Rapazes forem «palermas» porque cumprem o seu dever, bendito seja o Sacerdócio de Cristo que permite nos seus frágeis continuadores e participantes inculcar nas almas que lhes foram entregues o culto da honra e dos valores morais. Ao contrário seria traição. Graças a Deus que aquele «é dos padres», que envolve uma ligação profunda

Padre Carlos

## Africa

Cont. da 1.ª página

tes ao Homem, imagem de Deus, aparecem muitas vezes em resistência ao sistema que decide contra a natureza e, imediatamente, acaba por vencer. Porém, o coração do Homem é cidadela com muitos redutos e até ao último, pouco ou nada pode o sistema.

Há dezassete anos era uma hora de Esperança. Hoje, de maneira alguma deixa de o ser. Então imperava a inquietação de uma expectativa; hoje a dor de uma pausa na realidade em que a expectativa se tornou. Só a nível de sentimentos há diferença. Para o cristão todas as horas são de Esperança. Isto animará os nossos padres e os ajudará, na certeza de que o seu sacrifício no regresso de agora será o penhor de que alguém um dia há-de regressar lá aos seus postos, para prosseguir. Assim Deus o queira..., será quando Ele quiser!

E já agora aproveito para comunicar à grande Família de fora que são todos os nossos Leitores e Amigos, que P.e Telmo foi recentemente eleito o Superior dos Padres da Rua. Um pouco mais e tê-lo-emos, vindo de Angola, a cumprir o seu lugar na direcção da Obra e d'O GAIATO.

## O terceiro volume do livro «DOCTRINA»

Cont. da 3.ª página

O livro CALVARIO tem feito uma revolução interior!

Eu vou fazendo o que Deus me permite, inspira e põe no meu caminho. Agora, até quase sou agente de empregos!

São as doentes da minha zona que apelam para nós, e ficam-nos tão pouco tempo que nos esquecemos do repouso, da idade, porque é preciso não parar! Há que servir Deus através do que Ele nos pede sob tanta e tanta forma. O descanso será no fim!

Uma das minhas íntimas preocupações é saber interpretar o

que Deus quer de mim. A grande ambição que tenho: que os Outros vejam Deus através da minha vida. Sei o nada que sou. Conheço as minhas fraquezas e limitações, mas sei que com o Divino Mestre tudo posso. A minha Fé é sem limites. A Esperança é firme e irradiante. A Caridade abrasa-me e leva-me a tentar que os Outros se deixem abrasar pelo mesmo amor simples, vivo, intenso. Não vejo um Deus distante, mas presente em mim e nos Outros.»

São estas almas que seguram o Mundo!

Júlio Mendes



Director: Padre Carlos  
Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel  
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Tiragem média do mês de Novembro: 42.000 exemplares